



Programa de
Pós-graduação
em Educação (PPGE)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 28/09/2024

Aceito em: 21/01/2025

Publicado em: 18/08/2025

A construção e uso de histórias infantis para o trabalho com Ensino de Ciências na Educação Pré-Escolar

The construction and use of children's stories for working with Science Education in Preschool

La construcción y uso de historias infantiles para el trabajo con la Enseñanza de Ciencias en la Educación Preescolar

Tárgila Cristina Rodrigues de Lima¹

Núbia Luísa Feitosa Lopes²

Leonardo José Freire Cabó Martins³

Raquel Sousa Valois⁴



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18243>

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar o processo de criação e uso de uma história infantil baseada na escuta e nos diálogos construídos com crianças de uma turma de Pré I e II de uma Escola Pública do Município de Floriano - PI, com 25 crianças de 4 a 5 anos, nos meses de janeiro a julho de 2024, durante o desenvolvimento das atividades do Clube de Ciências Cajuína, de modo a evidenciar suas contribuições para o ensino de zoologia. Durante as atividades, as crianças exploraram insetos tanto em ambientes naturais como também em visitas a laboratórios e coleções científicas. A criação de história surgiu como uma estratégia pedagógica para integrar o Ensino de Ciências ao cotidiano infantil de forma lúdica. A história intitulada: “*E a borboleta produz mel?*”, foi elaborada coletivamente com base em pequenas narrativas das crianças, que tiveram seus desenhos e observações transformados em personagens e enredos. O trabalho enfatiza a importância de valorizar o protagonismo infantil, destacando que a criação de histórias no Ensino de Ciências pode ser uma ferramenta capaz de fomentar a curiosidade, a criatividade e o aprendizado científico. Além disso, os Clubes de Ciências têm grande potencial de serem um espaço propício para estimular o interesse das crianças pela natureza e pelo conhecimento científico desde cedo.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Educação Infantil. Espaços não formais.

¹ Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7476169154139634>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1729-2005>. Contato: limatargila@ufpi.edu.br

² Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7937650688635946>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0948-9231>. Contato: managernubia@gmail.com

³ Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4825816931257579>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0071-3663>. Contato: leonardocabo@ufpi.edu.br

⁴ Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5532062997864682>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9249-6274>. Contato: profavalois@gmail.com



Abstract: The article aims to present the process of creating and using a children's story based on listening and dialogues built with children from a Pre I and II class at a Public School in the Municipality of Floriano - PI, with 25 children aged 4 to 5, from January to July 2024, during the activities of the Science Clube Cajuína, in order to highlight its contributions to the teaching of zoology. During the activities, the children explored insects both in natural environments and through visits to laboratories and scientific collections. The creation of the story emerged as a pedagogical strategy to integrate Science Education into children's daily lives in a playful way. The story titled "*And Does the Butterfly Produce Honey?*" was collectively developed based on the children's short narratives, whose drawings and observations were transformed into characters and plots. The work emphasizes the importance of valuing children's protagonism, highlighting that creating stories in Science Education can be a tool capable of fostering curiosity, creativity, and scientific learning. In addition, Science Clubs have great potential to be a space conducive to stimulating children's interest in nature and scientific knowledge from an early age.

Keywords: Science Education. Early Childhood Education. Informal Learning Spaces

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar el proceso de creación y uso de una historia infantil basada en la escucha y los diálogos contruidos con niños de una clase de Pre I y II de una Escuela Pública del Municipio de Floriano - PI, con 25 niños de 4 a 5 años, durante los meses de enero a julio de 2024, durante las actividades del Club de Ciencias Cajuína, con el fin de resaltar sus contribuciones a la enseñanza de la zoología. Durante las actividades, los niños exploraron insectos tanto en entornos naturales como también en visitas a laboratorios y colecciones científicas. La creación de la historia surgió como una estrategia pedagógica para integrar la Enseñanza de las Ciencias en la vida cotidiana de los niños de manera lúdica. La historia titulada: "*¿Y la mariposa produce miel?*" fue elaborada colectivamente a partir de pequeñas narrativas de los niños, cuyos dibujos y observaciones fueron transformados en personajes y tramas. El trabajo enfatiza la importancia de valorar el protagonismo infantil, destacando que la creación de historias en la Enseñanza de las Ciencias puede ser una herramienta capaz de fomentar la curiosidad, la creatividad y el aprendizaje científico. Además, los Clubes de Ciencias tienen un gran potencial para ser un espacio propicio para estimular el interés de los niños por la naturaleza y el conocimiento científico desde una edad temprana.

Palabras clave: Enseñanza de Ciencias. Educación Infantil. Espacios no formales.

1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional brasileiro, a escola assume uma função social importante ao ampliar as oportunidades de acesso e apropriação do conhecimento, de modo a promover a redução das desigualdades sociais que marcam a história do nosso país, especialmente para aqueles que não têm/tiveram acesso não apenas aos bens materiais, mas também aos bens culturais e a um ambiente adequado que permita ampliar as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Nos primeiros anos da Educação Básica na escola, os professores assumem o lugar de mediadores dos processos de apresentação e apropriação da leitura e da escrita, aproximando as crianças de livros e textos. Além disso, desenvolvem ações que contribuem para o desenvolvimento de funções como a linguagem, percepção, atenção, imaginação e criatividade. Para além dessa função, a Educação Pré-Escolar constitui-se como espaço lugar onde as crianças têm a possibilidade de desenvolver atividades de investigação, aproximando-se da Ciência.



Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no ano de 1996, a Educação Infantil (EI), compreendida como a primeira etapa da Educação Básica, tem se constituído como sendo etapa/período importante para que as crianças possam se apropriar dos conhecimentos do mundo físico e natural enquanto elemento obrigatório a integrar os currículos da Pré-Escola em todo o país, dado o reconhecimento do seu papel no processo de desenvolvimento infantil.

No ano de 2010, a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI - Brasil, 2010), dá destaque a importância de ensinar Ciências da Natureza (CN) de forma integrada à outras áreas de conhecimento, incentivando processos de investigação e a ampliação das oportunidades de desenvolvimento de crianças a partir de interações e brincadeiras, de modo a promover uma educação de qualidade socialmente referenciada (Brasil, 2010).

Estudiosos, tal como Costa (2020) destacam a relevância do Ensino de Ciências (EC) desde a EI a partir de uma abordagem que valorize a contextualização e a investigação de fenômenos naturais e sociais. O autor reforça ainda a importância de construir espaços de escuta e diálogo com as crianças, respeitando suas opiniões e ampliando as oportunidades de exploração do mundo e suas especificidades. Nesse contexto, a elaboração de histórias emerge como uma estratégia eficaz para posicioná-las frente ao processo de apropriação do conhecimento científico, permitindo que elas explorem suas curiosidades e, por consequência, suas descobertas, de forma contextualizada e criativa (Viana; Moraes, 2016).

Ao conectar as experiências da criança com o saber científico, o professor oportuniza espaços para a ampliação de sua visão de mundo, favorecendo o desenvolvimento de diferentes formas de aprendizagens, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas (Carvalho, 2023; Sasseron, 2018; Costa; Almeida, 2023). Assim, a construção de histórias infantis a partir de temas que geram interesse são uma estratégia importante na busca por promover uma conexão com as temáticas do EC, ao mesmo tempo que pode estimular o desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

Carvalho *et al.* (2024) ressaltam a importância de construir práticas investigativas que despertem a curiosidade e a observação, reconhecendo as experiências e o conhecimento prévio das crianças como elementos importantes para o processo de apropriação do conhecimento das ciências. Embora os autores não discutam diretamente a construção de histórias, suas ideias sugerem a abertura para abordagens que considerem as curiosidades e interesses, podendo incluir o uso de narrativas, uma vez que suas



vivências contêm, em si, elementos bastante ricos que podem potencializar o desenvolvimento de atividades de investigação.

Nesse contexto, e como estratégia complementar ao ensino formal, os Clubes de Ciências (CC) surgem como espaços não formais de ensino, que viabilizam oportunidades de investigação a partir de observações, experimentos práticos e ações que ampliam o trabalho realizado nas salas referência da Pré-Escola.

Enquanto o ensino formal segue um currículo estruturado a partir de áreas de conhecimento, os CC priorizam o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, buscando despertar o interesse das crianças por temáticas relacionadas ao EC, além de fomentar a criatividade e a investigação o desenvolvimento do pensamento crítico ao envolvê-los em atividades contextualizadas que transcendem o cotidiano próprio das Instituições de Ensino (Tomio; Hermann, 2019; Freitas, 2022).

Essa articulação entre os dois formatos de ensino permite que as crianças participem de forma mais ativa das atividades propostas e se engajem em investigações relacionadas à ciência a partir de suas curiosidades e interesses (Carvalho, Queiroz e Malheiro, 2023). Por isso, entendemos que a criação e o uso de histórias infantis se constituem como uma estratégia importante para aprofundar a compreensão dos elementos do conhecimento científico de promoção da interação entre os participantes, a partir da construção de formas de aprendizagem colaborativa.

Assim, o presente estudo tem como objetivo apresentar o processo de criação e uso de uma história infantil, baseada na escuta e nos diálogos construídos com crianças, de uma turma de Pré I e II de uma Escola Pública do Município de Floriano - PI, durante o desenvolvimento das atividades do Clube de Ciências Cajuína, de modo a evidenciar suas contribuições para o ensino de zoologia.

1.1. Ensino de Ciências na Educação Infantil

O EC na EI deve possibilitar o desenvolvimento de habilidades práticas e cognitivas essenciais para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças. Além de realizar experimentos, é fundamental que as crianças observem os fenômenos de forma crítica e contextualizada, estimulando a percepção dos aspectos sociais, físicos e naturais ao seu redor. Esse modo de ensinar Ciências incentiva a curiosidade e a investigação, motivando-as a questionar e buscar respostas sobre o que observam e experimentam em seu cotidiano. (Harlan; Rivkin, 2002; Arce; Silva; Varotto, 2011, Lima; Santos, 2018; Oliveira, 2024).



Nessa perspectiva, Vieira, Pereira e Serra (2018), enfatizam a relevância de valorizar o EC, uma vez que ele oferece às crianças a oportunidade de compreender o dinamismo e a diversidade dos fenômenos físicos, naturais e sociais. Isso as incentiva a buscar explicações lógicas, desenvolvendo uma postura crítica diante dos contextos sociais em que vivem, contribuindo para o desenvolvimento de uma formação integral e preparando-as para o exercício pleno da cidadania. Ao promover a reflexão, o pensamento crítico e a capacidade de tomar decisões informadas, o EC se torna pertinente para que os educandos possam participar ativamente na sociedade, compreendendo e enfrentando os desafios contemporâneos de forma consciente e responsável (Vieira; Pereira; Serra, 2018).

Além de promover o desenvolvimento de habilidades de observação e o questionamento, é fundamental que o professor tenha um papel ativo na organização e na mediação do trabalho pedagógico. Zancul (2020), afirma que embora seja importante proporcionar às crianças o convívio com a natureza e disponibilizar materiais para exploração dos temas científicos, esse aspecto por si só não garante a aprendizagem. O simples contato com o ambiente, objetos ou instrumentos não é suficiente para que ocorra uma aprendizagem significativa em Ciências.

Para a autora supracitada, é necessário que essas experiências sejam acompanhadas por uma mediação pedagógica de qualidade, onde o professor orienta as observações, incentiva o desenvolvimento de questionamentos, propõe desafios e constrói contextos que ampliem as oportunidades para que as crianças possam construir conhecimentos. O planejamento de atividades estruturadas e direcionadas é essencial para transformar essas vivências em oportunidades reais de aprendizagem, permitindo que as crianças não apenas explorem, mas também compreendam os fenômenos científicos envolvidos no processo de aprendizagem (Zancul, 2020).

Já Dominguez (2014) e Oliveira (2024) destacam a importância de envolver as crianças no desenvolvimento de habilidades científicas, alinhando seus interesses aos conhecimentos das ciências. As autoras argumentam que, ao reconhecer e valorizar os interesses das crianças, permitindo que elas expressem suas opiniões, é possível conectar suas percepções e experiências ao mundo natural. É fundamental criar estratégias que contemplem os interesses das crianças, oportunizando uma aprendizagem mais rica e envolvente a partir de suas curiosidades e da compreensão do mundo que as rodeia. Ao interagir com o mundo, e negociar a construção de sentidos sobre a realidade, as crianças constroem cultura (Delgado; Muller, 2005).



1.2 Literatura Infantil e o Ensino de Ciências na Educação Pré-Escolar

A Literatura Infantil (LI), e o trabalho com contação de histórias, ocupa um lugar importante no processo de formação e desenvolvimento cultural da criança. Na Educação Infantil, sua utilização dar-se a partir de sua compreensão enquanto instrumento de elevação cultural de bebês, crianças pequenas e crianças bem pequenas, uma vez que provoca - além da apreciação estética, o alargamento do repertório linguístico, cultural, histórico e social das crianças, ao possibilitar a reflexão sobre o mundo, e sobre si mesmas, posicionando-se de modo consciente sobre a realidade que as cerca (Colomer, 2017; Abramovich, 2006; Coelho, 2000).

Enquanto artefato histórico e cultural, a LI proporciona momentos de interação e prazer ao permitir que as crianças possam dar significado às suas experiências cotidianas, ao mesmo tempo em que permite o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da linguagem, da percepção, da memória e da atenção das crianças enquanto funções psicológicas superiores (Vygotsky, 2012; Costa; Almeida, 2021; Iglesias; Silveira, 2019).

Ao ampliar as oportunidades de desenvolvimento dos sentidos - atenção, percepção e memória as obras literárias possibilitam a construção de vínculos entre as crianças e as histórias, ao mesmo tempo em que lhes permitem representar suas emoções (medo, raiva, tristeza, segurança) e conhecer o mundo a partir da mediação do outro (Matos; Guerra; Böes, 2023; Abramovich, 2006).

No contexto do EC na EI, a construção e a exploração de histórias permitem com que as crianças possam compreender os fenômenos científicos através de histórias que dialogam com seu cotidiano e com suas experiências, ao mesmo tempo em que possibilitam o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, as interações sociais e as brincadeiras (Zuquieri, 2007).

Carvalho (2016), ao investigar o EC na EI, observou que tanto a atuação dos professores quanto a participação ativa das crianças em atividades investigativas ampliam as chances de promover a apropriação do conhecimento científico. A autora destaca que essas oportunidades se tornam mais ricas quando as crianças têm oportunidade de interagir com o ambiente por meio da observação, manipulação e troca de ideias sobre o que estão explorando. Para Freitas (2016), o conhecimento científico ganha relevância no desenvolvimento de práticas pedagógicas desenvolvidas em atividades investigativas com crianças pequenas quando amplia as oportunidades de interações e vivências. Para **ela**, o processo de apropriação do conhecimento científico está diretamente relacionado à exploração do mundo e da realidade que nos rodeia.



Desse modo, compreendemos que ao despertar o interesse e o envolvimento das crianças a partir de atividades que lhes são prazerosas (Sena, 2023), a LI e as histórias infantis, emergem como um instrumento importante para o trabalho com Ensino de Ciências na Educação Pré-Escolar. Ao pensar a construção e o uso de histórias infantis a partir dos diálogos com as crianças na Educação Pré-Escolar estabelecemos um elo direto entre elas e o conhecimento científico desenvolvido nas ações do CC.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

2.1 Tipo de pesquisa

Metodologicamente, configuramos este trabalho como um Relato de Experiência (RE) de natureza qualitativa, construído a partir dos registros das atividades desenvolvidas com crianças pequenas em um CC. Concordamos com Mussi *et al.* (2021), quando estes enfatizam a relevância da escolha do RE enquanto modalidade de redação acadêmico-científica, especialmente, por contribuir com o aperfeiçoamento da discussão do conhecimento a partir de ações crítica-reflexivas da(s) experiência(s).

Os autores enfatizam ainda que o objetivo do RE é ir além de uma abordagem meramente normativa (ou direcionada a uma estrutura formal). Compreendemos, assim como os autores, que essa modalidade de escrita pode contribuir para a produção, discussão e qualificação do conhecimento produzido na Escola. Um RE pode ser oriundo de projetos de ensino, pesquisas e extensão (Mussi *et al.*, 2021), sendo o último, cenário deste estudo. A seguir apresentamos o contexto de atuação do CC, e as situações vivenciadas na sala referência do Pré I e II que desencadearam a escrita da história envolvendo o conhecimento dos insetos e a produção deste RE.

2.2 Contexto de atuação

O Clube de Ciências Cajuína, que chamaremos de modo sintético de Clube, é um projeto de extensão universitária desenvolvido no *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS)/Universidade Federal do Piauí (UFPI), na cidade de Floriano - PI. Este projeto está em vigor desde o ano de 2023, e se organiza a partir do desenvolvimento de atividades por professores universitários e alunos de graduação (bolsistas e voluntários), dos cursos de



Licenciatura em Ciências Biológicas e Pedagogia⁵. O Clube ocorre em parceria com escolas públicas da cidade, atuando com crianças, adolescentes e professores da Rede Municipal de Ensino.

Em 2024, o Clube desenvolveu ações na EI e continuará a expandir suas atividades nos anos iniciais do Ensino Fundamental, objetivando, de modo geral, envolver professores (tanto em exercício quanto em formação inicial) e crianças, em atividades científicas que possuem características investigativas.

As atividades na EI, relatadas e analisadas neste trabalho, foram realizadas em uma escola pública municipal no interior do Estado do Piauí, com 25 crianças das etapas de Pré-I e II. Tais ações aconteceram durante as atividades regulares da turma, realizadas todas as terças-feiras, de janeiro a julho de 2024, das 8:00h às 11:00h. A Escola fica localizada próxima a uma praça e possui uma ampla área externa com muitas árvores.

Neste período, buscamos introduzir aspectos do Ensino de Ciências por Investigação (EnCI), adotando como eixo orientador das ações a compreensão de que as crianças são sujeitos históricos e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, “[...] constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (Brasil, 2010, p. 12).

Ao planejar nossas atividades, detalhadas ao longo deste trabalho, consideramos ainda a compreensão do currículo como conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos culturais, artísticos, ambientais, científicos e tecnológicos (Brasil, 2010), criando contextos de aprendizagem e desenvolvimento que pudesse envolvê-las ativamente no processo de construção do conhecimento científico.

2.2 Trajetória para construção da história

Para a construção da história, iniciamos uma exploração sobre os insetos com as crianças, organizando uma série de quatro encontros dedicados à temática. No primeiro encontro, iniciamos as atividades do Projeto com a contação da história intitulada: “Insetos

⁵ Cabe informar que as duas primeiras autoras deste trabalho atuam como extensionistas neste projeto e são licenciadas em Ciências Biológicas. Dito isso, é incomum que estudantes desse curso atuem nesse contexto, pois o currículo se concentra nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Devido a essa atuação, vivenciamos experiências únicas que não seriam possíveis sem programas e projetos como este, que oferecem oportunidades desde os primeiros anos da educação básica.



do Meu Jardim”, de autoria de Elisabete Garcia e Cintia Arouca (2018), indicada pelo coordenador adjunto do projeto e docente do curso de pedagogia tendo o objetivo de familiarizar as crianças com as características morfológicas e comportamentais dos insetos comuns em jardins. O livro aborda diferentes insetos que, com humor, falam sobre suas características e funções na natureza.

Após a contação, realizamos uma observação na escola, incluindo o pátio, o jardim e a praça - localizada em frente à escola. Ao longo de toda a manhã, as crianças puderam investigar e identificar quais insetos habitam esses espaços, utilizando lupas de mão, conforme a Figura 1.

Figura 1: Criança observando um besouro



Fonte: arquivo dos autores.

Ao retornarmos para a sala de aula, buscamos compartilhar e discutir com as crianças os “achados” da investigação, dando ênfase aos insetos e outros animais que cada uma encontrou ou pode observar.

Nesse processo inicial, algumas crianças ainda não conseguiam diferenciar os insetos dos outros animais, como quilópodes e anfíbios, mas a maioria conseguiu identificar, nos arredores da escola, os mesmos insetos mencionados no enredo. Uma das falas das crianças ilustra esse modo de perceber os animais e os insetos. Ao ser questionada sobre o cavalo e sua classificação, uma das crianças é enfática ao dizer: “O cavalo é um animal, mas não é um inseto!”.

Ainda neste dia, ao retornarmos à sala referência, organizadas em um grande círculo, buscamos ampliar o diálogo com as crianças, de modo a perceber quais e quantos

insetos foram encontrados, tentando articular os conhecimentos da área de Ciências com outras áreas como a Matemática e a Língua Portuguesa - a escrita dos nomes e quantidade dos insetos na lousa.

Nos encontros posteriores, e dada a curiosidade das crianças pelo mundo dos insetos, propusemos uma visita à Universidade, momento em que foi possível apresentar ao grupo o Laboratório Interdisciplinar de Ensino, Arte e Educação (LIBERTE), a Brinquedoteca “Mundo Encantado” e a Coleção de História Natural da UFPI (CHN/UFPI), espaço onde elas puderam observar artrópodes, tanto na Coleção do Museu quanto em lâminas sob o microscópio. No LIBERTE, as crianças puderam desenhar insetos, utilizando pincéis coloridos e lápis de cor. Por fim, a atividade realizada na brinquedoteca foi exclusivamente para recreação. Brincando, as crianças interagiram e compartilharam os brinquedos disponíveis entre si e com os adultos.

Nesse mesmo dia, solicitamos uma atividade para ser realizada com os pais e/ou responsáveis e as crianças, que consistia na exploração dos insetos que habitavam suas próprias residências, além de fotografar esse momento e os achados. Essas fotografias foram, posteriormente, expostas na sala referência, permitindo-nos trabalhar as características que diferenciam os insetos dos demais animais, como a quantidade de pernas, asas e antenas.

Durante um dos nossos encontros em sala, recontamos a história inicial “Insetos do Meu Jardim”. Para isso, nos organizamos em roda e, à medida que a narrativa era contada, apresentávamos às crianças, por meio de fotografias, os insetos que surgiam ao longo do enredo. Após isso, propusemos que elas desenhasssem um inseto de sua escolha, sendo aquele que mais havia lhes chamado a atenção. Esses desenhos serviram como base para a criação conjunta dos personagens, que deram vida à história intitulada, *“E a borboleta produz mel?”*.

O processo de diálogo e escuta para elaboração da história, foi idealizado buscando inserir as percepções das crianças numa perspectiva de protagonismo e agência (Corsaro, 2011). Para tanto, divididos em 4 (quatro) pequenos grupos, buscamos ampliar os diálogos com as crianças sobre os insetos, de modo a termos elementos que nos permitissem categorizar os insetos desenhados e construir a história. As crianças desenharam joaninhas, abelhas, borboletas, louva-a-deus, bichos-pau, besouros e formigas.

Durante essa etapa, nós, extensionistas, mediamos as discussões, incentivando as crianças a contarem suas versões das histórias com base nos desenhos. Para facilitar a construção das narrativas, utilizamos perguntas como: “Qual o nome do seu inseto?”, “Onde seu inseto mora?”, “Com quem ele vive?”, “Se vocês fossem contar a história desse inseto



para os seus pais e colegas, como seria?”, “O que mais chama a atenção desse inseto para vocês?”, “Como ele se alimenta?”. As respostas foram diversas, e as perguntas contribuíram para o desenvolvimento das narrativas, transformando os insetos em protagonistas de suas próprias histórias. Para isso, ouvimos atentamente os relatos e as ideias sobre a trajetória de cada personagem, de modo a garantir que os elementos apresentados pelas crianças pudessem se constituir como parte da narrativa.

3 QUANDO AS CRIANÇAS CONTAM UMA HISTÓRIA

A história foi elaborada a partir das narrativas que as crianças compartilharam conosco. Com suas contribuições, adaptamos o enredo para incorporar conhecimentos voltados às Ciências, expandindo as falas e os acontecimentos para garantir que as conexões entre as atividades pudessem fluir de maneira natural.

Assim, criamos, uma narrativa que incorpora conhecimentos científicos sobre o mundo dos insetos de forma acessível, sem perder a essência das observações apresentadas pelas crianças. Realizamos ajustes na história para alinhá-la ao conhecimento científico, baseando-nos em bibliografia especializada em zoologia, com ênfase na classe Insecta (Hickman; Roberts; Larson, 2016; Ruppert; Barnes, 2005). A história completa está apresentada na íntegra no subtópico abaixo.

Incluímos também os desenhos feitos por elas, que dão vida aos personagens da história. Entendemos que esses desenhos não apenas ilustram a narrativa, mas também refletem a interpretação das crianças sobre os insetos e suas características.

3.1 A história: “E a borboleta produz mel?”

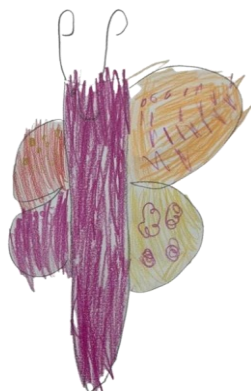
Era uma vez...

Em uma floresta encantada, havia uma borboleta muito esperta que saiu espalhando para todos os outros insetos a notícia de que ela produzia mel! A notícia se espalhou, e logo chegou aos ouvidos do Senhor Besouro.

O Senhor Besouro, bastante incomodado com toda aquela situação, decidiu contar para as abelhas que a Dona Borboleta andava dizendo por aí que produzia o mel.

O Senhor Besouro saiu voando pela floresta à procura da colmeia. Voou, voou, mas não encontrou ela em nenhum lugar.

Durante o percurso, o Senhor Besouro encontrou a Dona Formiga, que adora caminhar pelo jardim. Ao encontrá-lo, a Dona Formiga conta para o Senhor Besouro que esbarrou em uma pedra e caiu de cara para cima, e que notou embaixo de uma grande folha de uma árvore pequenos ovos, os quais ela nunca tinha visto.



Para sua surpresa, nem o Senhor Besouro e nem o Bicho-pau, que estava passeando por ali, os conhecia. Curiosos com a situação, resolveram passar alguns dias observando o desenvolvimento dos ovos.

Passou o primeiro dia, o segundo, o terceiro e....

No sétimo dia de observação, os insetos perceberam que os ovos haviam sumido e que, no lugar deles, haviam larvas.

O Bicho-pau preocupado, resolveu pedir ajuda a Dona Joaninha.

– “Dona Joaninha, você já viu essas larvas nas folhas das árvores?”

Ao ver as larvas, Dona Joaninha respondeu: “Oxente, essas daí são minhas irmãs! Eu já fui igual a elas! Em alguns dias elas serão iguais a mim.”

Passaram-se alguns dias, e os insetos notaram que haviam joaninhas de diferentes cores na floresta, colorindo as árvores: Eram joaninhas vermelhas, amarelas e pretas.

Aliviado com essa situação, o Senhor Besouro decidiu convidar os outros insetos para procurar a colmeia. Ao chegar, os insetos se depararam com muitas abelhas.

– “E agora? A quem vamos contar o que a Borboleta anda dizendo?”, questiona o Senhor Besouro.

Eles foram se aproximando da colméia e viram que uma delas era enorme.

– “Hum... É para ela, a Abelha-Rainha, que vamos contar a história que a Borboleta anda espalhando!”, disse a joaninha.

Ao encontrar a Abelha-Rainha, o Senhor Besouro diz:

– “Abelha-Rainha, você soube que a Dona Borboleta está dizendo por aí que ela produz mel?!”, conta o Senhor Besouro.

Espantada, e bastante chateada com a falsa história, a Abelha-Rainha quis entender por que a Dona Borboleta estava fazendo aquilo. O Senhor Besouro, muito simpático, disse que poderia levá-la até ela, e saíram todos à procura da Borboleta.

Ao encontrar a Dona Borboleta, Abelha-Rainha logo a indagou sobre a história.

– “Oi, dona Borboleta, fiquei sabendo que você anda espalhando uns boatos por aí, que produz mel”.

– “Não, não, não, quem produz o mel são as minhas abelhas operárias!”

– “Por que você não conta a todos qual a sua função? Eu sei que você faz muitas coisas legais, dona borboleta, mas não produz mel!”, disse a Abelha-Rainha.

Surpresa, e envergonhada, com toda a situação, e com o tumulto causado, a Dona Borboleta logo tratou de desfazer o mal-entendido e respondeu:

– “Calma, Abelha-Rainha, você tem toda razão! Além de embelezar os jardins, colete néctar, o docinho produzido pelas flores, e ajudo a espalhar o pólen que fica em minhas asas, que vão dar origem a novas flores.”

O Senhor Besouro então fala:

– “Viu, como todas vocês são importantes para a natureza?! Apesar de serem diferentes, cada um de nós desempenha uma função importante, garantindo o equilíbrio da floresta”.

Assim, toda a confusão causada pelo boato espalhado pela Dona Borboleta foi desfeita e, finalmente, os insetos ficaram sabendo que quem produz mel são as abelhas!

Fim.



O enredo central – *uma borboleta esperta espalha o boato de que produz mel*, surgiu quando uma criança nos contou que sua borboleta produzia mel. Na realidade, o mel é feito pelas abelhas (Hickman; Roberts; Larson, 2016), que coletam néctar das flores e o transformam em mel dentro da colmeia. A borboleta, por outro lado, se alimenta do néctar das flores (Ruppert; Barnes, 2005; Hickman; Roberts; Larson, 2016), mas não produz mel. A partir disso, adaptamos essa ideia para criar a trama principal, envolvendo um “possível” desentendimento entre a borboleta e os outros insetos sobre quem realmente produz o mel.

Continuamente, no trecho em que *a Dona Formiga conta ao Senhor Besouro que esbarrou em uma pedra e caiu de cara para cima*, foi inspirado na fala de uma outra criança, que descreveu sua formiga como atrapalhada dizendo, ainda, que ela havia caído enquanto transportava sua comida para casa. Incorporamos essa ideia, para acrescentar humor a história e personalidade a personagem.

Além disso, no fragmento que apresenta o ciclo de vida da joaninha, onde *no sétimo dia, os ovos se transformam em larvas, e o bicho-pauchamou a Dona Joaninha. Ela explicou que aquelas eram suas irmãs, que logo se tornaram adultas. Em pouco tempo, a floresta ficou cheia de cores vibrantes*. As crianças, ao descreverem suas joaninhas, mencionaram que elas viviam nas folhas da floresta. Além disso, tratam de suas cores vibrantes, como o vermelho com manchas pretas, que possuem um papel importante na sua defesa. Essas cores são um sinal de advertência para predadores, indicando que as joaninhas podem ser tóxicas ou desagradáveis ao paladar (Pierre; Souza, 2024).

Quanto ao restante dos elementos adicionados ao enredo, por exemplo, *a abelha-rainha afirmando que quem produz mel são as abelhas operárias* (Hickman; Roberts; Larson, 2016), *assim como o desfecho do desentendimento entre os insetos*, foi uma adaptação acrescida para gerar uma conclusão à história, assim, como também uma oportunidade de mencionar sobre a importância desses animais para o funcionamento e equilíbrio da natureza.

Assim, através das contribuições supracitadas, relembramos Viana e Moraes (2017), ao afirmarem que a criação de momentos em que as crianças recriem e contem suas próprias histórias, não só potencializa a consolidação do conhecimento, mas consequentemente, incentiva sua capacidade de imaginar e participar ativamente do mundo ao seu redor.

De acordo com Oliveira (2024), para ocasionar uma aprendizagem significativa, é indispensável que a criança seja protagonista no processo de ensino-aprendizagem, participando ativamente nas diversas atividades desenvolvidas. Corroborando com Vieira, Pereira e Serra (2018), atividades diversificadas, que incentivem a ação ativa da criança,



são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades científicas e para a construção do conhecimento (Carvalho; Sasseron, 2018).

3.2 Contação da história e o reconhecimento dos personagens

A contação de histórias já era uma prática habitual na rotina escolar das crianças, pois a professora responsável pela turma iniciava as atividades com leituras de diferentes enredos, como "A Foca", de Vinicius de Moraes, e "A Tartaruga e a Lebre", de Esopo. Essas leituras precederam as atividades de recorte e colagem, presentes na rotina.

Na atividade proposta, observamos que o envolvimento das crianças foi significativamente maior em comparação com aquelas às quais já estavam habituadas. Monegatto e Nakayama (2020) destacam que a contação de histórias é um recurso essencial para despertar o gosto pela leitura nas crianças. Ao contar histórias de maneira envolvente e interpretativa, os educadores conseguem transformar o desinteresse em entusiasmo, promovendo uma conexão mais profunda com os textos lidos. Ressaltamos que esse engajamento não ocorreu de uma hora para outra, resultou do conjunto de ações planejadas, incluindo a observação na escola, visita à universidade e trocas de experiências entre colegas.

Assim como descritos, nossos objetivos relacionados às narrativas já estavam bem definidos e alinhados à aproximação das crianças com a temática dos insetos, sem a imposição de que precisavam necessariamente aprender algo. Como a literatura infantil surge de uma visão adulta filtrada, é importante evitar subestimar a capacidade criativa e interpretativa das crianças, reconhecendo que o simples não significa necessariamente simplório. Ao valorizar tais criações permitimos que expressem suas ideias de maneira autêntica e livre.

Para a apresentação da história, a partir de fatos que elas mesmas criaram, realizamos um teatro de "palitoches" (Figura 2) com desenhos confeccionados pelas próprias crianças (Figura 3) acrescidos de elementos elaborados pelas extensionistas. Durante a contação da história, tivemos uma participação entusiasmada, uma vez que elas reconheceram seus desenhos e expressaram seu desejo de recontar a narrativa, assumindo os personagens.

Figura 2: Teatro para contação de história



Fonte: arquivo dos autores.

Para Viana e Moraes (2017) a atribuição de significado pessoal aos estudantes é um desafio, especialmente no caso das crianças, que frequentemente apresentam dificuldades em estabelecer conexões abstratas. Para os autores, o uso de histórias pode ser uma ferramenta eficaz para facilitar a compreensão de conhecimentos científicos.

Houve momentos em que pudemos constatar que alguns conhecimentos foram realmente considerados pelas crianças, quando, ao desenharem, respeitaram os três pares de pernas, as antenas e as cores dos insetos. Dessa forma, proporcionar às crianças o contato com a natureza, a partir da saída dos limites da sala de aula, possibilitou que a prática pedagógica se conectasse às suas realidades.

Ao se tornarem autoras da narrativa, seja por meio de relatos ou na confecção dos desenhos dos palitoches, elas se sentiram mais envolvidas e criaram laços com suas experiências refletidas na história, como presenciado durante as ações do Clube de Ciências Cajuína. A frase: *“Nunca mais vou soltar isso, tia!”* (referindo-se ao certificado de participação e um lápis entregue), anunciada por uma das crianças expressa sua satisfação em participar das atividades propostas.

Figura 3: Desenhos produzidos pelas crianças clubistas - a) Formiga; b) Borboleta; c) Joaninhas; d) Bicho-pau.a)



Fonte: arquivo dos autores.

De acordo com Costa *et al.* (2023), em seu levantamento sobre trabalhos envolvendo a utilização de textos literários no EC, incluindo HQs, contos e poesias, a leitura demonstrou ser uma prática favorável para a promoção da criticidade por educandos de diversos níveis, Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o Ensino Superior. Contudo, acreditamos que tal recurso também pode ser estendido para a EI.

A proposta de fomentar o protagonismo dos estudantes está além do simples ato de ouvi-los: é necessário considerar suas dúvidas, expressões e pontos de vista (Carvalho *et al.* 2013; Franco *et al.* 2024), e a EI, por representar um período propício para estimular a curiosidade, permite a utilização de histórias, que, quando associadas ao EC, tornam a linguagem mais lúdica e acessível, o que, por sua vez, pode ampliar o interesse das crianças em aprender Ciências, ao criar um ambiente que valoriza suas contribuições.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, neste artigo, nos propomos a apresentar como o processo de construção de uma história infantil, a partir da imaginação das crianças, pode ser relevante para o Ensino de Ciências na Educação Pré-Escolar, especialmente no contexto de um Clube de Ciências, pois, nesse ambiente, elas têm maiores oportunidades de explorar suas curiosidades e interesses.

Ao incorporarmos suas contribuições à história, pretendemos estabelecer uma ponte entre os diálogos estabelecidos na relação criança-criança e criança-adulto e o conhecimento científico, possibilitando que as crianças tivessem contato com características investigativas presentes no EC desde cedo, permitindo que conceitos científicos sejam introduzidos de forma contextualizada e significativa no cotidiano das atividades da Escola.

Os estudos sobre a temática ainda são incipientes, especialmente quando se trata de crianças pequenas. Durante nossa pesquisa, encontramos poucas referências, o que pode refletir o acesso limitado ao uso de histórias como recurso pedagógico na área das Ciências da Natureza. Essa lacuna é ainda mais evidente ao considerarmos que a formação de licenciados nesta área geralmente não abrange a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Enquanto pesquisadoras e futuras professoras, preparadas para trabalhar com um outro público, enfrentamos desafios ao atuar em uma área diferente do habitual, exigindo que saíssemos da nossa zona de conforto. Foram necessárias adaptações na linguagem, o respeito à rotina pré-estabelecida das crianças e a compreensão de que a aprendizagem de determinados elementos decorre da liberdade e da fruição que elas podem vivenciar na sala de referência.

Iniciativas como o Clube de Ciências desempenham um papel fundamental na Educação Infantil, pois criam um ambiente propício para que as crianças experimentem, questionem e construam seu próprio entendimento sobre o mundo natural, físico e social. Projetos desse tipo, ao incentivarem o protagonismo infantil, reforçam a ideia de que as crianças são capazes de produzir conhecimento ao expressarem suas curiosidades e interesses.

Há, portanto, um grande potencial a ser explorado nesse campo, destacando a importância de pesquisas que ampliem o uso das histórias infantis para ensinar ciências de



forma a integrar os conhecimentos das crianças e o conhecimento científico desde os primeiros anos da Educação Básica.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Processo 407708/2022-7 e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI) - Processo 8332.UNI 293.58402.30012023 pelo amparo financeiro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ARCE, A; SILVA, D; VAROTTO, M. **Ensinando Ciências na Educação Infantil**. Campinas: Editora Alínea, 2011.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: [hp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 29 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010.
- CARVALHO, J. S. M. C. **Alfabetização científica na primeira infância: integração de tecnologias digitais em uma proposta pedagógica inovadora**. Rio de Janeiro, 2023.
- CARVALHO, A. M. P; SASSERON, L. H. Ensino e aprendizagem de Física no Ensino Médio e a formação de professores. **Estudos Avançados**, v. 32, p. 43-55, 2018.
- CARVALHO, J. S. M; SIQUEIRA, A. P. L; ARANTES, S. S. F. Formação de professores da educação infantil para o ensino de ciências: proposta de alfabetização aliada às mídias digitais. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, v. 13, n. 1, p. 293-304, 2024.
- CARVALHO, I. S; QUEIROZ, S. T; MALHEIRO, J. M. S. Indicadores de alfabetização científica em um clube de ciências: uma análise a partir de uma atividade investigativa sobre o conceito de densidade. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 18, n. 4, p. 923-937, 2023.
- CARVALHO, A. M. P. *et al.* O ensino de ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, v. 1, p. 1-19, 2013.
- CARVALHO, P. M. S. **Uma proposta de ensino de ciências direcionada para as crianças de cinco anos de idade da Educação Infantil, envolvendo a metodologia do ensino de ciências por investigação e o teatro**. 152 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.



CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

COSTA, E. G; ALMEIDA, A. C. P. C. Ensino de ciências na Educação Infantil: uma proposta lúdica na abordagem ciência, tecnologia e sociedade (CTS). **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 27, p. e21043, 2021.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**: teoria & prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, J. S. M. *et al.* O Ensino de Ciências na Educação Infantil por meio de práticas investigativas e metodologia ativa. **Revista Invenções Pedagógicas**, n. I, 2024.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução Laura Sandrini. São Paulo: Editora Global, 2017.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005.

FRANCO, L. G. *et al.* **Ensinando Biologia por investigação II**: propostas para inovar a Ciência na escola. São Paulo: Editora Na Raiz, 2024.

FREITAS, T. C. O. **Implementação de um Clube de Ciências na rede pública de São José dos Campos**: Etapas, atores e a Alfabetização Científica. 2022. Dissertação (Mestrado em Projetos Educacionais de Ciências) - Escola de Engenharia de Lorena, Universidade de São Paulo, Lorena, 2021.

FREITAS, A. C. S. **Investigação científica na educação infantil**. 150 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus - BA, 2016.

GARCIA, E. J. U; AROUCA, C. M. A. O. **Os insetos do meu jardim**. Mogi das Cruzes, São Paulo: Flash, 2018.

HARLAN, J; RIVKIN, M. **Ciências na Educação Infantil**: uma abordagem integrada. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HICKMAN, C. P ; ROBERTS, L. S; LARSON, A. **Princípios Integrados de Zoologia**. 16. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

IGLESIAS, T. G; SILVEIRA, C. Ensino de Ciências e Educação Infantil: um estudo pautado na reprodução interpretativa e cultura da infância. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 4, n. 3, p. 572-593, 2019.

MONEGATTO, E. C; NAKAYAMA, B. C. S. A. “Contação de histórias” como aliada na formação leitora das crianças. **Literartes**, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 150- 167, 2020. ISSN: 2316-9826.

MUSSI, R. F. F; FLORES, F. F; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, C. T. de. Ensino de Ciências na Educação Infantil: pressupostos para o desenvolvimento da alfabetização científica na escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 25, n. 57, p. 39–62, 2024.



PIERRE, F. C; SOUZA, L. C. A. A. Importância dos coccinelídeos no controle biológico de pragas. **Tekhne e Logos**, v. 15, n. 2, p. 12-21, 2024.

RAPOSO, A. S. S. **Investigação científica em desenhos animados e em aulas de ciências do primeiro ano do ensino fundamental**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) - Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/D.81.2020.tde-27102020-190403. Acesso em: 2025-01-13.

RUPPERT, E. E; BARNES, R. D. **Zoologia dos invertebrados**. 6. ed. São Paulo: Roca, 2005. 1088 p.

SENA, A. A. Q. A ludicidade na construção do conhecimento na Educação Básica. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 48, 2023.

TOMIO, D; HERMANN, A. P. Mapeamento dos clubes de ciências da América Latina e construção do site da rede internacional de clubes de ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 21, p. e10483, 2019.

VIEIRA, R. G; PEREIRA, A. S; SERRA, H. Apontamentos sobre o ensino de Ciências na Educação Infantil. **Educação e Fronteiras**, v. 8, n. 24, p. 113-123, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na Infância**. Ensaio de Psicologia. Tradução de João Pedro Fróis. Lisboa: Dinâlivros, 2012.

ZANCUL, M. C. S. Ensino de Ciências para crianças: alguns apontamentos para reflexões. In: VIVEIRO, A. A; MEGID NETO, J. (Org.). **Ensino de Ciências para crianças: fundamentos, práticas e formação de professores**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2020. p. 27-44.

ZUQUIERI, R. C. B. **Ensino de Ciências na Educação Infantil**: análise de práticas docentes na abordagem metodológica da pedagogia histórico-crítica. 201 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

